

AS VOZES DA CAATINGA: RESISTÊNCIAS AO GOLPE CIVIL-MILITAR NO SERTÃO NORDESTINO (1964-1967)

Assis Daniel Gomes¹

Resumo: Neste artigo, analisamos as construções de imagens e discursos feitas em prol de legitimar o golpe de 1964 por alguns jornais no Nordeste brasileiro. Contudo, buscamos verificar nelas os vestígios de grupos que o resistiram. Enfim, uma cartografia da resistência se urdiu em todo o território nacional e no caso da região em questão teve como impulsionador o estado do Ceará.

Palavras-chave: Resistências; Nordeste brasileiro; Discursos.

THE VOICES OF CAATINGA: RESISTANCE TO CIVIL - MILITARY COUP IN NORTHEASTERN SERTÃO (1964-1967)

Abstract: *This article analyzes the construction of images and speeches made in favor of legitimizing the 1964 coup by some newspapers in northeastern Brazil. However, we seek to verify it*

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: <historiaassis47@yahoo.com>.

traces groups who resisted one. Finally, a resistance cartography is made up all over the national territory, in the case of the Northeast had the driver the state of Ceará.

Keywords: *Resistances; Northeastern Brazil; Speeches.*

Introdução

O Cariri é uma região localizada no interior cearense, zona também de ligamento e paragem de viajantes provindos dos espaços pernambucanos, piauienses e paraibanos. Tal especificidade geográfica a possibilita ter uma particularidade política concernente às outras partes do Estado. Procuraremos verificar, neste artigo, como esse território foi olhado com suspeita pelo *Serviço Secreto do Governo* (SSG) e as investidas dos militares para suprimir os movimentos de resistência ao golpe de 1964 no sertão nordestino. Para isso, analisaremos os rituais realizados pelas forças legalistas para construir uma imagem negativa dos guerrilheiros que a habitava. Nesses rituais de convencimento e esquecimento procuraremos perceber o seu oposto, as suas margens e fronteiras, para poder dar-lhe visibilidade e compreender os dispositivos manejados, como elementos imagético-discursivos, em prol de sua repressão.

Tal movimento, nessa região, aconteceu inicialmente em 1964, mas com a perseguição por parte dos militares os seus líderes se mantiveram com ações parcas, por exemplo, as prisões que aconteceram em Juazeiro do Norte, inicialmente, as desorganizaram.

Contudo, o SSG descobriu em 1967 que tal reação não tinha surtido efeito e uma organização de oposição estava tomando proporções impensadas pelos líderes do golpe, como a formação de guerrilheiros urbanos em Juazeiro do Norte, Crato e Missão Velha.

Entre 1950 e 1961, essa região se constituía e sustentava economicamente pela produção agrícola. Tal paisagem regional fora modificada a partir de 1961 com a sua eletrificação pela *Companhia de Hidroeletricidade do São Francisco* (CHESF), representada nessa localidade pela *Companhia de Eletricidade do Cariri* (CELCA). Isso, portanto, propiciou o provimento de uma energia ininterrupta e potente que impeliu a construção e o robustecimento de suas atividades industriais. Portanto, as fábricas de produtos industrializados principiaram a serem implantadas em Juazeiro do Norte. Gerando, por sua vez, uma crise nas produções de artigos artesanais, como também uma mutação de costumes e hábitos na vida de seus fabricantes. Entre elas destacamos estas, fundadas em 1962: *Indústria Cerâmica do Cariri S/A* (CECASA) e *Indústria de Eletromáquina S/A* (IESA).

Juntamente com a CELCA, o Cariri cearense auferiu, outrossim, os subsídios financeiros da *Aliança para o Progresso*².

² Segundo Fico, o projeto “Aliança para o Progresso”, criado em 1961, foi visto como “mais um programa de ajuda convencional” e “parceria de mão dupla”. Portanto, para ele, “a administração da Aliança seria confiada à Agência para o Desenvolvimento Internacional (*U.S. Agency for International Development* - USAID), que, no final de 1961, estava apenas começando suas atividades, pois em setembro, o Congresso norte-americano havia reorganizado todos os programas de assistência externa até então existentes, inclusive separando aqueles de natureza militar dos demais e a USAID foi estabelecida em novembro para cuidar da assistência econômica” (FICO, Carlos. *Estados Unidos e América Latina na Guerra Fria*. In: FICO, Carlos. *O grande Irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo; O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 27).

Podemos dizer que esse fomento estadunidense sobreveio de duas maneiras: 1- Por meio dos financiamentos via aliança da *United States Agency for International Development* (USAID) e *Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste* (SUDENE); 2- Através de ações diretas promovidas pelo *Projeto Morris Asimow*³. Tais atuações delinearão planos que buscaram propender preveni-la das ideologias comunistas, que a chegava por meio do contato com as ligas camponesas pernambucanas, por exemplo.

Analisaremos a construção pela imprensa nordestina de jogos imagéticos, discursivos e rituais para cativar as pessoas e levá-las a apoiarem uma intervenção do exército no sertão nordestino. Os indícios de rituais, fomentados para alicerçá-la, construíram-se por uma elevação mitológica da força armada como salvadora de certa ordem e solucionadora dos problemas de corrupção nacional. Buscaremos verificar os rituais realizados por meio de um olhar microscópico a fim de tecer considerações sobre o forjamento de encenações, catarses e símbolos. Conforme Rivière, a prática de rituais deve ser pensada enquanto uma invenção feita na tentativa de superar uma crise, ou seja, “o rito é um mecanismo de resposta às mudanças e conflitos. Na medida em que é emocionalmente

³ O “projeto Morris Asimow” tinha como meta fomentar as pequenas e médias indústrias da região do Cariri. Para isso, sua meta era “traduzir, em realidade, seu plano de desenvolvimento econômico em escala regional” (A AÇÃO, ano XXVI, nº. 1.109, 1965, p. 02). Esse projeto se fez presente nessa localidade através de campanhas de financiamento industrial e na formação de mão-de-obra especializada. Para isso, levantou-se o auxílio para o pagamento de professores e técnicos norte-americanos, provenientes da Universidade da Califórnia, de “85 mil de dólares da fundação Ford”. Eles, outrossim, objetivavam “principalmente mudar a mentalidade do pequeno homem de negócio e dos fazendeiros da Região” (A AÇÃO, ano XXVI, nº. 1.109, Crato, 1965, p. 02).

expressivo, o jogo dramático ritual é operador de uma mudança; comporta uma fase de ação reorientada”⁴.

Essa política discursiva de repressão ao diferente, que naquele momento eram aqueles chamados de comunistas, abrolhou-se pela simbologia da violência, somática e armamentista, bem como para amedrontar reações se empregaram do *poder simbólico* que possuía⁵. Para Bourdieu, tal força “só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário”⁶. Portanto, será essa sutileza da dominação que buscaremos rastrear na documentação analisada neste trabalho e averiguaremos, a partir dos rituais e representações de enaltecimento do Exército, as resistências ao golpe civil-militar.

As resistências no sertão

Os guerrilheiros estão sendo tangidos do Cariri em tempo rápido e vencendo alguns obstáculos já se dirigem a Salgueiro. Os cercos nos morros, as lutas junto às pontes, as carreiras na caatinga, as batalhas em campo aberto favorecem as forças legalistas.⁷

A citação acima narra os duelos e cotejos entre guerrilheiros e a hoste legalista em 1967 no sul cearense. O detalhamento das espacialidades em que estavam escondidos ou habitavam se fizera para informar aos leitores do *Jornal Unitário* (JU), apoiador do golpe,

⁴ RIVIÈRE, Claude. *Os rituais profanos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p.71.

⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p.14.

⁶ BOURDIEU, op. cit., 2009, p.14.

⁷ *Jornal Unitário* (JU), ano LIX, n.83.465, 1967, p.08.

que uma tarefa sanadora se realizara no sertão nordestino. Esse cerco se tornara importante, pois intervinha em um espaço considerado elo territorial entre Pernambuco, Ceará, Paraíba e Piauí. Destarte, o Cariri era olhado como um lugar privilegiado para o ligamento de seus sertões, camponeses e trabalhadores. Ao interdité-lo se conseguiria uma zona de atuação direta contra as suas espacialidades de resistência. Dessa maneira, tais intervenções militares fizeram com que alguns guerrilheiros conseguissem fugir para o Pernambuco, chegando a Salgueiro. Contudo, as frentes feitas pelo Exército para exterminá-los se fazia de todos os lados, inclusive a partir do interior pernambucano.

Conforme Queiroz, no sul cearense a objeção a esse golpe emanou de distintos modos, mormente, por meio das sutilezas cotidianas. Como também teve os setores médios urbanos assalariados como os seus sustentadores e líderes. Dessa forma, tal grupo a supriu de um contingente de proletariado, que não existia em seus espaços urbanos.⁸ Para Queiroz, nessa região o “movimento de luta anticapitalista”⁹ se atingiu por aquele grupo em substituição deste. Concordamos com ele sobre isso, mas defendemos a existência de uma guerrilha implantada no Cariri em consonância a outros movimentos no país, como as *Ligas Camponesas*¹⁰ pernambucanas.

⁸ QUEIROZ, Fabio José Cavalcanti de. *Padre, Coronéis e ativistas sociais: o Cariri à época da usurpação militar 1964-1985*. 2010. 351p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, 2010, p.22.

⁹ QUEIROZ, op. cit., 2010, p.22.

¹⁰ Para Montenegro, as ligas camponesas se fundaram pelo Partido Comunista na década de 1940, mas teve uma maior atuação e expressividade depois do engajamento do advogado

Tal cenário se favoreceu pelo alvorecer de organizações oficiais ou livres que agitaram o seu cotidiano político, como estas: os sindicatos dos trabalhadores rurais em suas principais cidades, por exemplo, em Juazeiro do Norte (1962); do proletariado, com o aumento de indústrias pós-1961 e um florescimento do ensino superior com a construção da *Faculdade Católica do Crato* (FCC) em 1960.

Nessa espacialidade, uma primeira reação militar a essas resistências entre 1964 e 1967, em parceria com o governo estadual e local, fora desorganizá-las a partir da prisão de suas lideranças, intelectuais ou todo aquele, por eles, considerado subversivo. No jornal *Diário da Manhã* (JDM)¹¹, também defensor do golpe, verificamos matérias em 1964 relatando essa investida bélica como sanadora e preventiva. Nesse manejo discursivo e imagético feito por tal imprensa, procurou-se produzir um convencimento e legitimação do regime em voga. Ela, outrossim, fazia parte de uma divulgação em nível nacional realizada pela corrente que a corroborava, por exemplo, nesta matéria jornalística: “Ministro da Justiça tranquiliza a Nação”¹². Três elementos nesse título já movimentavam os campos visuais de quem o lia. Eram estes: poder, paz e pátria. Tais fatores expressavam a emanção da voz que vinha do desejo de manter uma modernização conservadora no Brasil, para isso, propagava-a como uma *boa nova* a

Francisco Julião, que para uma parte da imprensa brasileira era considerado uma “grande ameaça à ordem social e, sobretudo à “paz agrária” dos latifundiários” (MONTENEGRO, Antônio Torres. *As ligas camponesas e os conflitos no campo*. *Saeculum*, v.18, 2008, p.14).

¹¹ Jornal de circulação diária e matutino, fundado na cidade de Recife- Pernambuco em 16 de abril de 1927. Foi criado para ser um instrumento de oposição ao governo, mas tal propósito se transformara à medida que foram mudando seus donos, chegando ao ponto de apoiar o golpe de 1964.

¹² JDM, n. 4.929,1964, p.01.

partir de certos elementos escatológicos e proféticos conectados a um sentimento de pertencimento social. Isso se fizera para convencer aos atingidos por essa informação e restaurar certa ordem nestes três estados, considerados os *focos de subversão*: Goiás, São Paulo e Ceará. Para o *Ministro da Justiça*, Milton Campos,

A sucessão de acontecimentos que se vem amudando nos últimos dias, em pontos diversos do território nacional devem ser interpretados como episódios isolados, embora identificados pela mesma inspiração de inconformismo, mas que não configuram uma crise do regime e nem representam qualquer ameaça a instituição¹³.

Procuraram, então, fazer rituais para demonstrar a sua potência e que a imagem de sua crise se apagasse da pauta pública. Tal representação se impunha devido aos movimentos que o contestava e lutava pelo fim do golpe. Para essa imprensa, esses conflitos desmanchavam a imagem de ordem, paz e harmonia nacional divulgada pelo governo, por isso, defendia posições mais duras concernentes aos seus opositores. Verificamos que tal movimento procurou principalmente apagá-los da *memória social*, desenquadrando-a através de uma não tessitura narrativa¹⁴, atrelando-a as figuras negativas da mitologia cristã e reforçando o silêncio de uma memória das lágrimas. Consoante Pollak,

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo

¹³ JDM, op. cit., 1964, p.01.

¹⁴ ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta? *Estudos Históricos*, n.17, 1997, p.85-91.

tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas¹⁵.

Nesse jogo de figurações discursivas, produzido por alguns jornais e grupos cearenses apoiadores dos militares, construíram-se enunciados, imagens e rituais que destruíssem essa representação do Ceará como um espaço transgressor da ordem. Para isso, em 1964 a imprensa cearense buscou dar visibilidade e confirmar que também grupos no Estado o defendiam e destacavam, segundo Farias, a naturalidade de seu líder, o cearense e futuro presidente Castelo Branco¹⁶. Por exemplo, no jornal *Tribuna do Ceará* (JTC) destacaram as matérias sobre algumas cidades do Estado que realizaram a *Marcha da Família* em prol de tornar visível a aliança entre a Igreja, o Golpe e grupos civis. Nesse intuito, o colunista dessa reportagem comentou sobre tal movimento no município de Pentecoste da seguinte forma: “[...] o Povo de Pentecoste começava a se aglomerar em frente à Igreja do acampamento do DNOCS a fim de aguardar o início da MARCHA DA FAMILIA PENTECOSTE COM DEUS PELA LIBERDADE RESTAURADA”¹⁷.

O clima propagado de integração e força para salvaguardar o país da ideologia comunista se reforçou no Ceará. Contudo, isso se

¹⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.05.

¹⁶ FARIAS, José Airton de. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972)*. 201p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, 2007, p. 11-15.

¹⁷ JTC, ano VII, n.2094, 1964, p.01.

forjara para esconder que ele era um dos focos de oposição, para minar os grupos que assim se posicionavam e empreender o seu silêncio, usando os elementos do sagrado ligados a Igreja Católica local e as forças armamentistas. Essa marcha campeou através de uma comoção e um sentimento aversivo aos seus transgressores induzir os católicos cearenses. Para isso, corroborava o apoio ao golpe como se fosse a *Deus contra os ateus*.

Em matéria referente à *Marcha da Família* em Fortaleza além do discurso escrito, colocou-se em sua capa uma foto de grupos levando faixas a favor da intervenção nacional dos militares. A imagem-foto se utilizara como uma estratégia de convencimento imagético, cuja assimilação inconsciente de sua validade se propagou através dessa sutileza figurativa, especialmente para um território detentor de uma grande quantidade de analfabetos. Além dessa, tínhamos outra considerada a representação do ápice da manifestação. Nela visualizamos o encerramento da *Marcha* na Catedral de Fortaleza e a promoção do vínculo imagético da Igreja, símbolo da força divina, as imagens representativas do poder militar-armamentista. Portanto, conforme o JTC,

A monumental “marcha da família com Deus pela liberdade” quando chegou em frente à Catedral para agradecer ao todo poderoso a consolidação de nossa democracia e pedir as bênção para os novos dirigentes do Brasil. Dom Raimundo de Castro e Silva oficiou na situação solene o “Te Deum”. Uma quadrilha a jato sobrevoou o templo¹⁸.

¹⁸ JTC, op. cit., 1964, p.01.

Dessa forma, a partir de 1964 se fizeram uma quantidade considerada de matérias e imagens na tentativa de forjar um sentimento coletivo e convencer aos seus consumidores que essa intervenção se realizara para o *bem da Pátria*. Para isso, o apoio das instituições detentoras de um poder-simbólico e disciplinador se fizera importante para conseguir agregar diversos grupos sociais a esse fito, por exemplo, a Igreja Católica. Além dela, outras entidades e instituições confirmaram e divulgaram no Ceará o seu apoio ao golpe, como a imprensa. Foi nessa conjuntura interna atrelada ao clima de instabilidade política e econômica que alguns jornais entre 1964 e 1968 procuraram fortalecer o governo dos militares utilizando como argumento um dado livramento nacional dos ideais comunistas, para isso, carregaram de múltiplas imagens pejorativas quem os defendiam. Vejamos, então, a imagem abaixo:

Imagem 1: Foto que representava a força bélica que partira para o Cariri cearense a fim de combater os guerrilheiros em 1967.



Fonte: *Jornal Unitário*, ano LIX, n.83.463, 1967, p.08.

Esse combate ao comunismo era uma defesa do liberalismo econômico, em molde estadunidense, e de seu capitalismo imperialista. Com os militares o Brasil se abriu sem reservas a esse capital estrangeiro, ficou preso as suas armadilhas e imposições financeiro-políticas, tendo em vista conseguir uma dada modernização nacional a partir de seu modelo. Para a maioria da imprensa cearense se tornou primaz à tarefa de divulgar as imagens negativas sobre o comunismo e a exaltação do golpe civil-militar como inaugurador de uma nova fase de bonança à nação. Tais atitudes resguardavam os interesses econômicos e políticos que permeavam o seu sistema de comunicação, promovendo até certo ponto frustrações desse sonho com os abusos e corrupções cometidos anos depois. Nesse sentido, o JU, propriedade de Assis Chateaubriand, estava envolvido nesse movimento de apoio ao regime. Logo, ao verificarmos as suas matérias, encontramos uma constante exposição de imagens e discursos de ataque aos chamados *subversivos* pós-1964, essa constatação também se embasava devido às posturas de seu

proprietário e de seus apoiadores em manter o chamado por eles de *revolução*.

Essa imprensa procurou manipular a população, deixá-la confusa e por meios da demonstração de imagens e discursos, reforçar o poder simbólico do regime, levá-la a concordar com ele e entregar os seus opositores. Além disso, divulgava as prisões e repressões em todo o Brasil a fim de torná-la conhecida para promover seu domínio pelo medo, como também tornar conhecido que os militares tinham espões gerou um clima de vigilância e monitoramento repressivo para mantê-lo. Representá-lo era a maneira de avigorar e demonstrar a sua força em manter a ordem. Tal sutileza do disciplinamento, outrossim, empreendera-se nas microiniciativas realizadas pelo exército nas cidades consideradas focos de transgressão.

Nesse sentido, o JU deixou nítido aos seus leitores que o Ceará estava sendo perquirido, supervisionado, monitorado e vigiado pelas forças armadas. Por exemplo, em 13 de dezembro de 1964, essa imprensa divulgou uma matéria concernente às investigações acerca de tais suspeitas. Tal matéria servia de alerta a sociedade civil para que pudesse amparar o governo na tarefa de desvendar e abafar o movimento. Essa desconfiança incidiu, principalmente, sobre a cidade de Quixadá e Juazeiro do Norte. As prisões e torturas encetaram nos anos de 1964 em prol de refreá-la, abolir as conjecturas e estorvar presumíveis novas reações. Portanto, o discurso oficial do governo difundiu e apregou imagens de injunção disciplinar utilizando a

sutileza enunciativa e os traços simbólicos repressivos. Para o colunista desse jornal,

Várias prisões serão efetuadas em Quixadá e cidades vizinhas, onde um foco de subversão acaba de ser descoberto pelo Serviço Secreto do Exército. Também em Juazeiro do Norte foram efetuadas quinze prisões, de elementos subversivos, os quais estão sendo transportados para Fortaleza, onde deverão prestar depoimento perante as autoridades militares. [...] Todos os presos políticos no interior do Estado serão transportados, para o Grupo de Obuses, em nossa Capital onde funciona o Inquérito Policial Militar responsável pelas investigações acerca de atividades contra revolucionárias¹⁹.

Tal investida militar, em prol de descobrir movimentos que o contestava, agenciou um processo conflituoso entre as regiões e suas diferenças classistas e grupais para descobrir esses espaços de oposição. Em relação ao Cariri esse inquérito feito pelos militares em 1964 foi cogente enquanto um território influenciado pelo estado de Pernambuco. Essas prisões, portanto, ameaçaram e comoveram as lideranças da resistência nesse espaço. Apesar disso, anos após essa investida se descobrira novamente uma organização de contestação ao golpe em suas terras.

No manejo retórico do Ministro da Justiça e em sua incorporação pela imprensa nacional, procuraram-se acalmar os ânimos delimitando as regiões a serem combatidas. No Nordeste brasileiro, portanto, o foco iniciara pelo Ceará, as ações com prisões e intervenções preventivas se fizeram a partir da afirmação de uma

¹⁹ JU, ano LIX, n.31.842, 1964, p.09.

imagem extremada de medo, a um possível governo comunista, e a exaltação dos militares como os salvadores da nação. Para o JDM,

Detém-se o sr. Milton Campo na apreciação ligeira dos principais episódios que estão reunidos para compor um quadro de crise, a começar pelo Ceará. Reconhece o Ministro da Justiça que foram cometidos alguns excessos mais insiste em que o clima criado naquele Estado acabou por justificar, de certa maneira, o comportamento das autoridades militares. A opinião pública cearense aplaudiu, sem restrições, o resultado de uma ação saneadora mais energética²⁰.

Esse clima de suspeita contra o Ceará, especialmente o Cariri, fortaleceu-se quando o Serviço Secreto do Governo (SSG) descobriu a existência de um grupo de guerrilheiros em seu território em 1967. Para acabá-lo o serviço militar teve o apoio armamentista estadunidense. Segundo o JU, aviões contra “Guerrilhas” chegaram a Pernambuco em 15 de setembro de 1965: “Recife, 14(11)- A segunda zona Aérea constará a partir de 1 de outubro próximo, com cinco aviões norte-americanos equipados com metralhadoras e outras armas especializadas na guerra guerrilha, a exemplo do que já ocorre nas bases do Porto Alegre, Santa Cruz e Brasília”²¹.

Portanto, as ações tomadas em 1964 e 1965 com as prisões de alguns caririenses para prevenir a edificação de reações contra o governo foram malogradas. Pois, em 1967 a SSG tomou conhecimento que nela se criara uma guerrilha em parceria com os

²⁰ JDM, op. cit., 1964, p.01.

²¹ JU, op. cit., 1965, p. 06.

pernambucanos. Conforme o discurso propagado pelo jornal Unitário, seria uma invasão dos subversivos no território cearense, exclusivamente em Juazeiro do Norte, Crato e Missão Velha. Foi, portanto, nessas cidades onde se organizaram tais ações de contestação ao golpe civil-militar. Para combatê-las no Cariri cearense, em Caxias e Picos utilizaram as tropas pertencentes a 10ª Região Militar sediadas em Fortaleza, Teresina e São Luiz. Amparados de uma técnica de combate chamada, por eles, de moderna, de base norte-americana e com métodos não convencionais.

Tendo como posto militar avançado à cidade de Iguatu para essa intervenção, essas tropas saíram de Fortaleza em direção ao sul do Ceará. Essa manobra do *Exército de Guararapes* no Cariri teve início no dia 13 de novembro de 1967, procurando fazer um cerco para encurralar os guerreiros nesse estado, em Pernambuco, Maranhão e Piauí. Esse exército que se compunha de “cerca de 1.200 soldados da 10ª Região Militar” que “foram deslocados de ontem até hoje para o Cariri, onde serão movimentadas nos exercícios de treinamento na guerra contra guerrilhas”²² e a coordenação do Coronel Sotero Rocha (comandante), Ten.Cel. Pedro Teófilo, o Coronel Carlindo Simão e Coronel Torres de Melo.

Juntamente a eles se atrelou os seguintes oficiais da cidade do Crato: “O General Dilermando Monteiro, comandante da 10ª Região Militar, o coronel Hermani Moreira de Castro, chefe do Estado-Maior da 10ª RM e o Capitão Virgílio Ney Gomes de Borba, seu ajudante de

²² JU, ano LIX, n.83.461, 1967, p.11.

Ordem”²³. O cerco de ataque aos guerrilheiros no Cariri veio em três direções: da cidade de Iguatu, do sertão pernambucano e do Piauí.

O 25º BC já derrotou os “guerrilheiros”, em Picos, Piauí, e prossegue em sua marcha motorizada, sobre o Cariri, no Ceará. Por sua vez o 24º BC atingiu a cidade de Caxias, no Estado de Maranhão, lançando-se sobre a mesma e libertando-a dos “guerrilheiros”. Em Orós, as tropas do Exército evitaram que a cidade fosse atacada por “guerrilheiros”, que pretendiam levar a efeito uma grande sabotagem²⁴.

Essa ação serviu para colocar em prática algumas técnicas modernas de combate, sendo planejado que depois de terminada as forças legalistas se concentrariam em Salgueiro, Pernambuco, para realizar uma avaliação sobre o uso das armas e estratégias de guerra por eles manejadas. Por exemplo, utilizaram nesse confronto as seguintes armas: “fuzil automático-leve e mais morteiros-lança de apoio no combate as “guerrilhas””²⁵.

Em busca de enquadrar uma memória oficial²⁶ buscaram marginalizar olhares opostos, transformaram imagens bélicas em provas de efeitos e edificação de certos heróis. Esse manejo defendeu um olhar e destruiu outros, cuja visibilidade colocava-o em questão. Fizera-se também para construir um tecido social e manter as suas estruturas institucionais. Nesse detalhamento, a exposição de números e nomes, de fotos e discursos davam-lhe cheiros e cores. Tais

²³ JU, ano LIX, n. 83.463, 1967, p.08.

²⁴ JU, op. cit., 1967, p.08.

²⁵ JU, op. cit., 1967, p.08.

²⁶ ROUSSO, Henry. The last Catastrophe: the writing of Contemporary History. *Cadernos do Tempo Presente*, n.11, 2013, p.1-11; POLLAK, op. cit., 1989, p.03-15.

ingredientes se moviam para perseguir imagens que colocavam em conflito os campos visuais de certa tradição política e a ressonância de outros quadros ideológicos. Temiam, então, que penetrassem nas diversas instituições de sua sociedade, minassem os seus alicerces de disciplinamento e controle.

Segundo relato dos representantes dessa imprensa na cidade do Crato, a saber, Teixeira Cruz e Felizardo Cardoso, a perseguição de guerrilheiros se fizera pelo 23º Batalhão de Caçadores e 10º Grupo de Obuses 105. Consoante eles, o Ceará seria salvo pela ação de mais de 1000 militares que expulsariam os resistentes de suas cidades. Esse montante era formado por 721 soldados recrutados em Fortaleza, 264 de Teresina e 581 de São Luiz do Maranhão. A descrição ritual de sua chegada ao campo de batalha se utilizara nos moldes de uma narrativa heroica que primava pela visualidade da força.

A imagem da crise deveria ser exterminada, para isso, descreveram o advento das forças legalistas na região. Nela percebemos resquícios de uma reação que fora assentada nessa narrativa para colocá-los como opositores a Nação. Essas cores, movedoras de imagens e discursos, impulsionaram a construção de uma ressonância e memória oficial sobre essa intervenção. Olhamo-la buscando enquadramentos de traços marginais em sua narrativa e abrir alguns ramos que a dera significância. Dá-lo visibilidade fora uma tentativa de tornar inteligível as suas sombras e vestígios, deixando nítido, para isso, os movimentos de resistência ao golpe de 1964 no sertão nordestino.

As resistências dos guerrilheiros se abroilharam em um confronto direto com as tropas no Cariri, apesar das forças legalistas terem limpado os arredores de Iguatu, local escolhido como acampamento general das tropas militares. Para esses jornalistas, as forças do exército estavam “agindo lentamente, uma vez, que suspeitavam que os “guerrilheiros” agissem disfarçadamente, atacando-a de surpresa”²⁷.

Os jornalistas enviados para fazer a cobertura da ação militar em Crato e Juazeiro do Norte, narraram essa ação heroificando os militares como mártires nacionais. Isso era reforçado pelas fotos colocadas ao lado das matérias escritas, uma sutil descrição dos detalhes, no intento de enobrecer essa intervenção, e o realce das consequências físicas do combate. Em contraponto, os que estavam agindo contra o golpe civil-militar eram representados como criminosos e não detentores de um amor à pátria. O quadro imagético pintado por essa imprensa cearense buscou espalhar os seus cheiros e cores para influenciar os sentidos e percepções de seus leitores.

Depois de encerrada as repressões contra as guerrilhas urbanas concentradas em Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Picos e Caxias, construíram-se rituais e sinais visuais de sua conversão às ideias do governo. Esses elementos simbólicos os batizavam e preveniam de uma possível retaliação, o medo da morte e o não respeito pelos direitos humanos se usaram para silenciá-los concernentes às ações autoritárias dos militares.

²⁷ JU, ano LIX, n.83.463, 1967, p.08.

Utilizando-se do medo, as práticas rituais da força armada promoveu um esquecimento dessa memória e a enquadró em uma lembrança de dor, que a consideramos que tenha sido pautada por uma posição de resistência e estratégias de sobrevivência. Concordamos com Pollak que o seu manejo perpassou pelo conflito entre o coletivo e a individualidade, o desejo social e as necessidades mais subjetivas de quem a experimentara. Dessa forma, aqueles que viveram torturas e a destruição de sua fachada moral perante a sociedade cariense moveram estratégias para se reconstruir e proteger²⁸ diante dessas perseguições.

O exército, assim, procurou transformá-los em exemplo para certo teatro educativo contra a transgressão, ou seja, utilizaram-no para exemplificar a imagem do filho arrependido, para reverberar a sua negação das ideias comunistas, seu ingresso no grupo dos apoiadores do golpe e sua destruição social no quadro dos resistentes. Essa foi à primeira atitude do exército nesse ato teatral simbólico e educativo. Esse arrependimento se expusera visualmente enquanto representação da conquista contra a subversão, ou seja, usaram do impacto de um testemunho, de sua exposição enunciativa e somática para fomentar a corroboração de uma dada veracidade, enquanto ação positiva do golpe civil-militar, e a destruição social dos grupos opositores. Conforme o JU,

Os “guerrilheiros” vencidos e convencidos da fragilidade de seus pontos de vista, reintegrados no clima de patriotismo sadio tomarão parte nestas concentrações, ombreados com

²⁸ POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

as “tropas vencedoras”. A partir das 8 horas do dia 13 de novembro o comando da 10ª Região Militar, para fazer face ao desenvolvimento das operações e maior felicidade de controle estabelecerá em Iguatu o seu posto de comando avançado de onde partirá para o Cariri, permanecendo até o final das hostilidades. Participarão da luta contra as guerrilhas no nordeste as tropas do segundo Distrito Naval e da terceira zona Aérea, ambos sediados na capital pernambucana²⁹.

A segunda meta do exército, pós-derrota da guerrilha, era realizar um mutirão de palestras que propendessem precavê-los dessas ideias ditas subversivas. Acoplou-se a esse discurso o da Igreja local. Essa segunda atitude dos militares se vinculou a sutileza do controle via discurso e imagem propagada pela imprensa que os apoiava, tendo como exemplo a repressão aos possíveis focos dos chamados antinacionalistas. Portanto, essa disciplina discursiva, enquanto ação de vigilância e manutenção do *status quo*, colocou as memórias dessa resistência no caldeirão do silêncio, moldando-as através das balas, do medo, da violência, dos símbolos e das relações de poder que a coloria.

Depois dessa ação das tropas legalistas contra os guerrilheiros a fim de expulsá-los do Cariri cearense, direcionaram-se até a cidade de Salgueiro no Pernambuco. Nessa localidade aconteceu no dia 19 de novembro uma festa em prol de comemorar a vitória contra a resistência dos grupos de guerrilheiros, reforçando que esse ritual festivo era importante depois “das penosas, mas vibrantes manobras

²⁹ JU, ano LIX, n.83.458, 1967, p.08.

do Cariri”³⁰. Tal constatação nos deu indícios de que essa resistência tinha sido intensa e que essa manobra ritual de exaltação dos militares não passou de mais um dispositivo de colocar os guerrilheiros imersos em imagens marginais e provocar o esquecimento dessas resistências. Por exemplo, outro dispositivo utilizado para expor uma imagem de controle e ordem do governo foi divulgar que nas zonas pertencente ao território de onde partiu o cerco seriam atingidas por uma “assistência social as populações civis, seja através de medicina preventiva, seja educando e orientando os habitantes do interior”³¹.

Portanto, essas *representações sociais*³² regeram uma política do silêncio e esquecimento desse fato. Para isso, construíram dispositivos que manejaram a sensibilidade, o medo e as lembranças de sofrimento das famílias afetadas. As construções de rituais cívicos se fizeram para expor suas personagens dentro de uma trama de dor e frustração, transformando-a em uma *lembrança maldita*. Esse teatro do exemplo em suas dimensões somáticas, discursivas e imagéticas não se realizara por meio do fuzilamento dos guerrilheiros em praça pública, mas em sua obrigação de enunciar a adesão ao governo que significava, por sua vez, um aniquilamento social de seus ideais e posições contrárias ao golpe.

³⁰ JU, ano LIX, n.83.465, 1967, p.08.

³¹ JU, op. cit., 1967, p.08.

³² Segundo Chartier, são construídas por meio dos interesses dos grupos que as edificam, dessa forma temos que relacionar para analisá-las os discursos e as posições de quem os constrói, verificando assim as redes que constitui a sua constituição. (CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/São Paulo: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990, p. 17).

Considerações finais

Neste artigo, analisamos a construção de imagens discursivas e rituais sobre as resistências ao golpe civil-militar no interior nordestino pós-1964. As impressões e discursos contidos nos jornais verificados figuraram e deram visibilidade as forças militares a fim de promover um respaldo a essa intervenção armamentista, ou seja, as fontes aqui manejadas eram documentos forjados intencionalmente para defendê-la e algumas ações que os manteriam no poder. Para isso, utilizaram recursos retóricos e visuais na exposição de sua força bélica para intimidá-los e edificar sua imagem enquanto restaurador da ordem e progresso.

Essas imagens cunharam a figuração de certos heróis e salvadores da pátria, para isso, manejaram os elementos negativos que se tinha concernente à ideologia comunista. Portanto, a meta era usar essa intervenção como uma imagem exemplo. Essa era, portanto, a base discursiva de legitimação para corroborá-la em 1967. Nesse intuito, o apoio internacional para fornecer o exército dos recursos necessário para exterminar nos brejos sertanejos os guerrilheiros se serviu também do conflito mundial Estados Unidos *versus* União Soviética. Ao receber o investimento daquele para essa repressão reafirmava a sua base política e financeira.

As representações contidas nas matérias desses jornais partiram de um olhar oficial, contudo verificamos as sombras da resistência a esse golpe e os conflitos que movimentaram o interior do Nordeste entre 1964 e 1967. Enfim, os rituais cívicos feitos pelos militares,

responsáveis por essa investida armada, procuraram silenciar as memórias contrárias a versão oficial sobre esse fato e as tornaram impronunciadas pelos que as vivenciaram.

Referências

Bibliografia

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/São Paulo: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

FARIAS, José Aírton de. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972)*. 201 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, 2007.

FICO, Carlos. Estados Unidos e América Latina na Guerra Fria. In: _____. *O grande Irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo; O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEFORT, Claude. O direito internacional, os direitos do homem e a ação política. *Tempo Social- USP*, São Paulo, n. 12, p. 1-10, 2000.

_____. Liberalismo e democracia. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 13, n. 25, p. 13-26, 2008.

MONTENEGRO, Antônio Torres. As ligas camponesas e os conflitos no campo. *Saeculum*, v. 18, p. 11-31, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v.10, p.7-28, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

_____. Memória e identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Fabio José Cavalcanti de. *Padre, Coronéis e ativistas sociais: o Cariri à época da usurpação militar 1964-1985*. 2010. 351 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, 2010.

_____. As inúmeras faces da violência ditatorial na América Latina nos anos 1960 e 1970. *Revista Dialectus*, ano 2, n. 7, p. 108-130, 2015.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. *Os rituais profanos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta? *Estudos Históricos*, n. 17, p. 85-91, 1997.

_____. The last Catastrophe: the writing of Contemporary History. *Cadernos do Tempo Presente*, n. 11, p. 1-11, 2013.

Fontes

A Ação, ano XXVI, n. 1.109, 1965, p. 02.

Diário da Manhã, n. 4.928, 1964, p. 01.

Diário da Manhã, n. 4.929, 1964, p. 01.

Jornal Unitário, ano LIX, n. 83.465, 1967, p. 08.

Jornal Unitário, ano LIX, n. 31.842, 1964, p. 09.

Jornal Unitário, ano LIX, n. 31832, 1965, p. 06.

Jornal Unitário, ano LIX, n. 83.461, 1967, p. 11.

Jornal Unitário, ano LIX, n. 83.458, 1967, p. 08.

Jornal Unitário, ano LIX, n. 83.463, 1967, p. 08.

Jornal Unitário, ano LIX, n. 83.465, 1967, p. 08.

Tribuna do Ceará, ano VII, n. 2094, 1964, p. 01.

Tribuna do Ceará, ano VII, n. 2104, 1964, p. 01.

Recebido em 19 de agosto de 2017; aprovado em 30 de novembro de 2017.